

A RELAÇÃO SOM E LETRA E SEUS DESVIOS NA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA: UMA INVESTIGAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA: ESTUDO DE CASO

Micheline Ferraz Santos
(Uesb)

Vera Pacheco
(Uesb)

RESUMO:

O presente trabalho se propõe a verificar as trocas de letras realizadas pela criança em fase da aquisição da língua escrita e investigar a natureza fonético-fonológica dessas trocas presentes nas produções escritas de uma criança sem patologia que se encontra na fase da aquisição da língua escrita. Este trabalho parte da hipótese de que a escrita é uma tentativa de representar a fala. Os resultados encontrados mostram que os desvios encontrados na escrita da criança investigada são motivados por questões fonético-fonológicas da língua falada.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição da escrita, Fonética, Fonologia, som, letra.

INTRODUÇÃO

A criança, ao ingressar na educação formal para ser alfabetizada, já teve previamente uma interação, em seu convívio social, com as regras que regem o sistema linguístico da comunidade em que está inserida. Assim, ela é capaz de entender e falar a sua língua materna.

Se a linguagem humana apresenta, por um lado, a língua oral, por outro, apresenta também a representação, ou pelo menos uma tentativa de representação gráfica dessa língua oral. Ao tentar registrar, sob a forma gráfica, a língua oral, segundo Ohman (1974 apud KATO, 1987) o ser humano acabou compreendendo o funcionamento do sistema fonológico das

· Discente do curso de Especialização *Lato Sensu* em Linguística Aplicada ao Ensino do Português da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: micfsantos@ig.com.br

· Orientadora do trabalho. Docente do DELL/UESB - doutora em Linguística pela UNICAMP. E-mail: vera.pacheco@gmail.com

línguas, registrando as vogais e consoantes por meio de marcas gráficas diferentes.

A tentativa de representar a língua oral, por meio da escrita, contudo, não se dá de forma biunívoca, ou seja, para cada fonema há um símbolo gráfico correspondente (SILVA, 1981). Não há, nesse sentido, uma relação transparente entre escrita e oralidade, podendo ocorrer casos de uma única letra representando vários fonemas, ou, várias letras representando um único fonema.

Além dessa não linearidade entre fonema e letra, a escrita, por conta de sua própria especificidade, não registra os processos fonológicos que ocorrem na língua oral oriundos da natureza contínua desse sinal sonoro.

Considerando que a criança já domina a organização do sistema fonológico da comunidade em que está inserida e, considerando, ainda, que a escrita é uma tentativa de representar graficamente a língua oral; quando da aquisição da língua escrita, a criança será norteada pelas regras de funcionamento do seu sistema linguístico.

Nesse sentido, é plausível supor que os “erros” encontrados nos textos das crianças em fase de aquisição da escrita tenham motivações de ordem fonética/fonológica, ou seja, são representações gráficas de todos os fonemas que ela percebe no sistema fonológico, enquanto falante de uma língua, ou são registros dos processos fonológicos recorrentes também nesse sistema.

Partindo, então, da hipótese de que os desvios encontrados nos textos de crianças em fase de aquisição da escrita são motivados por questões de ordem fonética e fonológica, o presente trabalho busca investigar a relação som/letra e os seus desvios na escrita de uma criança em fase de aquisição da escrita. Procura-se responder se esses desvios são, de fato, em decorrência da consciência fonológica dessa criança ou se são simplesmente erros sem qualquer motivação fonético-fonológica. Em outras palavras, pergunta-se: “Os desvios encontrados nos textos avaliados são na realidade um reflexo da organização do sistema linguístico no qual a criança que o escreve está inserida?”

Frente às perguntas colocadas, são objetivos do presente trabalho:

- a) inventariar as trocas de letras realizadas pela criança em fase da aquisição da língua escrita;
- b) investigar a natureza fonético-fonológica dessas trocas.

Língua e escrita, segundo Saussure (1916, p. 34), “são dois sistemas distintos de signos”. Apesar de atestar a diferença entre língua e escrita, ele afirma que a escrita tem por finalidade representar a língua. Nesse sentido, Robins (1981, p. 112) defende que esses dois sistemas (escrito e falado) “são reconhecíveis e reconhecidos como a ‘mesma língua’”, e assim, ainda segundo esse autor, a comunicação linguística se dá pela língua oral e pela língua escrita.

Embora defenda-se que a escrita seja uma tentativa de representar a fala, a escrita alfabética, dentre os diferentes tipos de escrita (pictograma, logograma, silabário etc), é a que melhor cumpre essa tarefa, na medida em que tenta representar as unidades opositivas que compõem o sistema fonológico das línguas, quais sejam, os fonemas (CAGLIARI, 2000).

Dessa forma, a invenção da escrita foi, então, uma descoberta, pois, desde que o homem começou a usar um símbolo para cada som, ele estava de forma consciente, trabalhando com o conhecimento sobre a organização fonológica de sua língua. (KATO, 1987).

Assim, a ortografia das línguas que têm o seu sistema de escrita do tipo alfabético, busca, na medida do possível, representar as unidades opositivas de tal sistema. Contudo, a relação entre escrita e fala não é biunívoca, não havendo uma estreita relação entre o que se fala e o que se escreve, havendo, por exemplo, vários símbolos gráficos representando um único fonema, ou vários fonemas diferentes sendo representados por um único símbolo gráfico (SILVA, 1981).

Conforme Lemle (1991), não há um casamento monogâmico entre uma letra e um som. O caráter discreto característico da escrita não se encontra na fala, já que os sons da cadeia sonora se realizam praticamente ao mesmo tempo, o que, para Lemle (1991), é como se houvesse uma rivalidade entre

eles. Segundo a linguista, as unidades de som são afetadas pelo ambiente em que ocorrem, sons vizinhos afetam uns aos outros. E essa interferência mútua dos sons não é registrada na ortografia.

Assim, a ortografia das línguas de escrita alfabética não registra os processos fonológicos decorrentes dessa interferência mútua dos sons, sendo processos fonológicos, segundo Schane (1975), as modificações que podem ocorrer em morfemas que são combinados ao formar uma palavra, ou ainda, quando esses morfemas estão em ambiências diferentes e aparecem juntos.

As línguas naturais registram inúmeros processos fonológicos que podem ser explicados como fenômenos articulatórios e ou de percepção (SCHANE, 1975). De acordo com esse autor, são tipos de processos fonológicos: (i) assimilação, quando os segmentos se tornam mais semelhantes; (ii) estrutura silábica, quando há alteração na distribuição das consoantes e das vogais; (iii) enfraquecimento e reforço, quando os segmentos são modificados segundo sua posição na palavra; (iv) neutralização, quando os segmentos se fundem em uma ambiência específica.

Esses processos fonológicos podem ser descritos e explicados por meio de regras fonológicas que são construídas considerando-se os traços distintivos, unidade mínima significativa, afetados por esses processos. As regras fonológicas são dispositivos teórico-metodológicos eficazes para explicar a naturalidade e a sistematicidade dessas ocorrências, evidenciando a organização do sistema fonológico de uma dada língua (SCHANE, 1975; HERNANDORENA, 1996).

O sistema de traços mais comumente usado em regras fonológicas é o proposto por Chomsky e Halle (1968) em virtude de sua simplicidade descritiva, uma vez que tem por base de descrição as características articulatórias dos segmentos das línguas naturais. Essas características articulatórias constituem os traços distintivos, cuja marcação é binária: a presença do traço é marcada pelo sinal + e a ausência, pelo sinal -.

Segundo Hernandorena (1996, p. 44), “o modelo de Chomsky e Halle consegue explicar muito bem o fato de as regras fonológicas se aplicarem a classes de sons e não somente a sons individuais. Uma das grandes

conquistas do modelo foi, por meio de traços, conseguir expressar as classes naturais, assim representando-os.”

Em linhas gerais, segundo Hernandorena (1996), do conjunto original de traços propostos por Chomsky e Halle (1968), os mais comumente usados na descrição do português são:

1) traços de classes principais: [+/-soante], [+/-silábico], [+/-consonantal];

2) traços de cavidade: {[+/-coronal], [+/-anterior], -traços do corpo da língua [+/-alto], [+/-baixo], [+/-posterior], [+/-arredondado], -traços de abertura secundárias: [+/-nasal], [+/-lateral]};

3) traços de modos de articulação: [+/-contínuo],[+/-metástase retardada], [+/-tenso];

4) traços de fonte: [+/-sonoro], [+/-estridente];

5) traços prosódicos: [+/-acento], [+/-tom], [+/-duração] (págs 20,21)

Considerando, então, de um lado, que a escrita alfabética, dada a sua própria natureza, não registra os diferentes processos fonológicos existentes na língua falada, mas, por outro, considerando, ainda, que a função primária da escrita é representar a fala, as formas divergentes encontradas em textos de crianças em fase de aquisição da escrita refletem claramente o papel dessa modalidade da língua para esses escritores-aprendizes.

Ao escrever um texto, e sem saber ainda as regras que regem a ortografia de sua língua, a criança procura registrar em seus textos o que ela realmente fala. Dessa forma, Kato (1987, p. 16), a partir de Vigotsky , afirma que a criança para aprender a escrever “precisa fazer uma descoberta básica – a saber, que ela pode não apenas desenhar coisas, mas também a própria fala.”

Na tentativa de representar graficamente a sua fala, a criança passa a ter um conhecimento mais refinado de como o seu sistema linguístico está organizado. Segundo Morais e Kolinsky (1995), citados por Scliar-Cabral (2002), é nesse momento de uso consciente da linguagem e da necessidade

de aprender símbolos para representá-la que emerge a consciência fonológica.

De acordo, ainda, com Scliar-Cabral (2002), fica evidente que o efeito da linguagem sobre como recortamos a experiência nos experimentos que demonstram como o tipo de sistema verbal escrito influi sobre o recorte consciente das unidades da cadeia da fala. Nesse sentido, as representações fiéis da fala da criança em sua escrita evidenciam a experiência da criança com a sua própria língua. Assim, “a consciência fonêmica começa a se desenvolver quando e por que as crianças têm que aprender o que as letras representam” (MORAIS, MOUSTY; KOLINSKY, 1998, apud SCLIAR-CABRAL, 2002 p. 127).

MATERIAL E MÉTODOS

Nos anos de 2003, 2004 e 2005, foram coletados dados de uma criança (CS), do sexo feminino, com idade atual de 8 anos, sem qualquer problema de fala, que estuda em uma escola particular de Vitória da Conquista e que está na fase de aquisição da língua escrita. Dessa forma, foram utilizados os métodos de estudos longitudinal e naturalístico.

Foram catalogados e analisados 206 caracteres que apresentam algum tipo de desvios.

Foram realizadas análises fonéticas dos desvios encontrados no texto da criança com o intuito de verificar se havia algum processo fonológico subjacente a esses desvios, ou se eram uma simples troca de letras e fonemas que não apresentam relação biunívoca.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises realizadas dos dados de CS mostram que os desvios encontrados são motivados por questões fonético-fonológicas de diversas ordens, como se segue:

Considerando que a escrita é de certa forma a representação gráfica da língua oral, em dados da aquisição da língua escrita, não é de se estranhar que haja ocorrências em que se verifica a transcrição precisa de certos aspectos da oralidade, como é apresentado no quadro 1 abaixo:

Quadro 1. Ocorrências de transcrição da oralidade

1. Alteamento vocálico	a) pod i (para pode); t i (para te) b) pi q ena (para pequena) isto o (para estou) cu u bertura (para cobertura)
2. Redução do gerúndio	a) toman o (para tomando) b) mech e no (para mexendo)
3. Vocábulo fonológico	a) pu r oge (para por hoje) b) em v es d e (para em vez de)

No quadro 1, por exemplo, verifica-se a ocorrência de alteamento vocálico, a vogal [e] torna-se [i], quando ocupa uma sílaba átona, como por exemplo a palavra [pod**i**]. Na oralidade, a oposição entre [e] [i] desaparece em favor da vogal [i]. Assim, uma vogal média torna-se alta, em sílaba átona final.

Segundo Câmara Jr. (1988, p. 44), “a vogal átona final, seguida ou não de /s/ no mesmo vocábulo, sofre há uma neutralização⁷ entre /o/ e /u/ e entre /e/ e /i/.” Contudo, no *corpus* analisado, a neutralização entre [o] [u] que é prevista nesse ambiente, como atesta Câmara Jr (1988), não está sendo registrada na escrita de CS, que escreve categoricamente [o] em posição átona final. Esses dados evidenciam, então, que CS já possui a consciência de que, na escrita, não se registra a neutralização de [o] [u] típico da oralidade. Para a neutralização entre [e] [i], contudo, para CS prevalece, ainda na escrita, a neutralização entre [e] e [i].

Se, por um lado, CS usa categoricamente [o] quando na oralidade usamos [u], por outro, em decorrência do conhecimento dessa regra da escrita, ela só usa [o] quando, de fato, deveria ser [u], como é o caso de

⁷ Neutralização implica, segundo proposta de Troubetzkoy (1939), na anulação de oposição de dois fonemas em ambientes fonéticos específicos.

nescao, meo. Nesse sentido, CS estende a regra de uso, havendo, então, uma hipercorreção.

Uma outra marca da oralidade encontrada no *corpus* analisado é a redução do gerúndio. Na língua oral, de uma forma geral, a marca de gerúndio -ndo vem sofrendo uma mudança para -no em decorrência da queda do -d. Se considerarmos que a consoante oclusiva alveolar sonora aparece em ambiente também sonoro, é possível, então, supormos que estamos diante de um processo de síncope consonantal, em que se observa a queda de um segmento sonoro em ambiente sonoro. Assim, no gerúndio do português brasileiro, temos a sequência n [+ sonoro] d [+ sonoro] o [+ sonoro] o que leva a queda da consoante [-d] acarretando uma nova marca para o gerúndio, qual seja {-no}.

Para CS, enquanto falante do português, então, a marca do gerúndio é {-no}, o que ela registra na escrita, já que desconhece a regra de gerúndio [-ndo], típico da língua escrita, como se observa em [tomano].

Em virtude do caráter contínuo da fala, unidades linguísticas diferentes juntam-se formando um todo, ocorrendo, por exemplo, a junção de formas dependentes, como artigos, pronomes, com formas livres, como substantivos verbos, etc, o que, segundo Câmara Jr (1988, p. 62), é decorrente da falta de juntura, que, para ele, é “uma marca fonológica que indique, independentemente de qualquer pausa, uma delimitação entre vocábulos na corrente da fala”.

Assim, é altamente previsível, quando da aquisição da língua escrita, a criança segmentar o seu texto orientada pela segmentação que faz na oralidade, desprezando o espaço entre unidades linguísticas que são ditas como um bloco único.

De acordo com Cagliari (2000, p. 142), na produção de textos espontâneos, é recorrente a junção, por parte da criança, de todas as palavras, o que para ele, reflete “os critérios que ela (*a criança*) usa para analisar a fala”.

A tendência à junção de palavras também foi observada nos dados de CS, como verificamos nos dados 3 do quadro 1, em que temos a forma [puroge] para *por hoje* e [enves de] para *em vez de*. Ao registrar essas formas,

CS está sendo guiada pela segmentação que fazemos na oralidade. O sintagma preposicionado [por hoje] é pronunciado como se fosse uma única palavra, possuidora de um único vocábulo fonológico. O mesmo critério de segmentação foi criado no sintagma [em vez de].

A não-linearidade entre escrita e oralidade leva a criança muitas vezes a escrever uma letra por outra. Segundo Silva (1981), há fones que tem múltiplas representações, e essa multiplicidade de símbolos gráficos para representar um único elemento fônico se prende, na maioria das vezes, a razões etimológicas, naturalmente desconhecidas pelos candidatos à alfabetização. Sendo assim, advém dessas relações grande perda de tempo decorrente da necessidade de condicionar a um fone um número de símbolos maior que o requerido para a comunicação.

O quadro 2 abaixo apresenta ocorrências de trocas de letras realizadas por CS em decorrência dessa multiplicidade de representações gráficas para um mesmo fonema.

Quadro 2. Ocorrências de trocas de letras que representam o mesmo fonema

TROCAS	OCORRÊNCIAS
1) Usa g por j	aguda (para ajuda) igrega (para igreja) vego (para vejo) hoge (para hoje)
2) Usa x por ch e vice-versa	xinesa (para chinesa) paichão (para paixão)
3) Usa s por c e ç	especial (para especial) comeso (para começo) felisidade (para felicidade) persiso (para preciso)

CS demonstra ter um domínio da organização do sistema fonológico do PB. Em 1 e 2, o uso da letra **g** para a letra **j** e das letras **ch** e **x**,

respectivamente, evidencia que CS tem perfeita noção de estar diante de uma fricativa palatal sonora /ʒ/ que, na escrita, pode ser representada tanto pela letra **j** quanto pela letra **g** e pela fricativa surda /ʒ̃/, que pode ser representada na escrita pelas letras **x** e **ch**. Então, a troca realizada por CS é simplesmente por desconhecer as regras ortográficas de uso de uma e de outra letra na escrita do português e não por questões de ordens fonológicas.

CS também demonstra ter consciência da realização da fricativa alveolar /s/, que, na escrita, pode ser representada pelas letras **s**, **c** e **ç**. Como ocorre com os fonemas /ʒ/ e /ʒ̃/, CS desconhece também as regras ortográficas para representar o fonema /s/.

Há outros tipos de ocorrências de trocas de letras nos dados de CS que podem ser explicados por conta das similaridades fonéticas que existem nos segmentos representados por essas letras.

Há segmentos nas línguas naturais que possuem matrizes de traços distintivos muito similares. De acordo com Hernandorena (1996, p. 14), “os traços distintivos são propriedades mínimas, de caráter acústico ou articulatorio, como ‘nasalidade’, ‘sonoridade’, ‘labialidade’, ‘coronalidade’, que, constituem os sons da língua.” Os traços são binários no modelo de Chomsky e Halle, por terem uma função classificatória, distintiva, ou seja, cada traço é definido por dois pontos na escala física: presença (+) ou ausência da propriedade (-). Nesse modelo, os traços fonéticos constituem escalas físicas universais, isto é, um conjunto fixo e restrito independente de qualquer língua. Dessa forma, pode-se concluir que a totalidade dos traços fonéticos representa as capacidades de produção de fala do aparato vocal humano. Assim, os traços distintivos, como unidade de descrição e análise da fonologia das línguas, têm servido como instrumento formal para mostrar a naturalidade do funcionamento dos sistemas linguísticos.

A noção de traços distintivos é bastante frutífera para compreender certas trocas de letras encontradas nos dados de aquisição da língua escrita. O quadro 3 contempla ocorrências que podem ser explicadas por meio da noção de traços distintivos.

Quadro 3. Ocorrências nas representações de sons com conjuntos de traços distintivos comuns

TROCAS	OCORRÊNCIAS
1) /b/ por /p/	P ati (para b ate)
2) /s/ por /z/	Lanbus a do (para lambuzado) Caramelis a do (para camelizado)
3) /m/ por /n/ e vice-versa	l i ndo (para l i ndo) fan i lia (para fam i lia) Nun e ros (para nú m eros) Qu e n (para qu e m)
4) /l/ por /p/	Por l ico (para por i so) P F lida (para preferida)

Considerando as matrizes fonológicas dos segmentos envolvidos nas trocas das letras que os representam, percebemos que esses têm pequenas diferenças entre si.

As matrizes fonológicas de /p/ e /b/ mostram que esses segmentos são diferentes entre si por apenas um traço, qual seja, sonoridade, como se observa abaixo na matriz *a*:

a) / p /	/b/	b) / s /	/z/
- contínuo	- contínuo	+	+contínuo
+anterior	+anterior	contínuo	+anterior
-coronal	-coronal	+anterior	+anterior
-sonoro	+sonoro	+coronal	+coronal
		-sonoro	+sonoro

Assim, quando CS usa a letra **p** para representar o segmento /b/, as informações fonológicas [+/- contínuo; +/- anterior; +/- coronal] estão perfeitamente especificadas na compreensão de CS do sistema fonológico. Somente a informação [+/- sonoro] ainda não está plenamente estabelecida, daí a troca de um pelo outro, como também acontece no dado 2, conforme a matriz *b* acima.

Dessa forma, frente às similaridades entre as matrizes de /p/ e /b/, e de /s/ e /z/, essas trocas são perfeitamente previsíveis.

São previsíveis as trocas entre /m/ e /n/, de um lado, e entre /r/ e /l/, de outro, pelo fato de esses segmentos possuírem muitos traços distintivos em comum, como se constata nas respectivas matrizes fonológicas apresentadas abaixo:

<p>c) /m/ /n/</p> <table style="border-collapse: collapse; width: 100%;"> <tr> <td style="border-right: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;">+</td> <td style="padding: 5px; text-align: center;">+ anterior</td> </tr> <tr> <td style="border-right: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;">anterior</td> <td style="padding: 5px; text-align: center;">+nasal</td> </tr> <tr> <td style="border-right: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;">+nasal</td> <td style="padding: 5px; text-align: center;">+coronal</td> </tr> <tr> <td style="border-right: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;">-</td> <td style="padding: 5px;"></td> </tr> <tr> <td style="border-right: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;">coronal</td> <td style="padding: 5px;"></td> </tr> </table>	+	+ anterior	anterior	+nasal	+nasal	+coronal	-		coronal		<p>d) /r/ /l/</p> <table style="border-collapse: collapse; width: 100%;"> <tr> <td style="border-right: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;">+soante</td> <td style="padding: 5px; text-align: center;">+soante</td> </tr> <tr> <td style="border-right: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;">+</td> <td style="padding: 5px; text-align: center;">+</td> </tr> <tr> <td style="border-right: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;">consonant</td> <td style="padding: 5px; text-align: center;">consonanta</td> </tr> <tr> <td style="border-right: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;">al</td> <td style="padding: 5px; text-align: center;">l</td> </tr> <tr> <td style="border-right: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;">+coronal</td> <td style="padding: 5px; text-align: center;">+coronal</td> </tr> <tr> <td style="border-right: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;">+anterior</td> <td style="padding: 5px; text-align: center;">+anterior</td> </tr> <tr> <td style="border-right: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;">+contínuo</td> <td style="padding: 5px; text-align: center;">-contínuo</td> </tr> </table>	+soante	+soante	+	+	consonant	consonanta	al	l	+coronal	+coronal	+anterior	+anterior	+contínuo	-contínuo
+	+ anterior																								
anterior	+nasal																								
+nasal	+coronal																								
-																									
coronal																									
+soante	+soante																								
+	+																								
consonant	consonanta																								
al	l																								
+coronal	+coronal																								
+anterior	+anterior																								
+contínuo	-contínuo																								

Nome da letra representando a sílaba

A influência da oralidade na escrita é por vezes tão forte que, em dados de aquisição da língua escrita, observa-se uma tendência de a criança usar o nome de uma letra ocupando a posição de uma sílaba inteira. Segundo Cagliari e Massini-Cagliari (1999), as crianças ao usarem essa forma seguem o princípio acrofônico, que estabelece que é na própria letra que se encontra o som que ela representa. O quadro 4 abaixo apresenta ocorrências de CS com essa característica:

Quadro 4. Nome da letra representando a sílaba

OCORRÊNCIAS
1) Voc (para você)
2) C (para ser)
3) PFlida (para preferida)
4) FMILI família;

Conforme dados do quadro acima, CS usa a letra **c** para representar as sílabas de você e ser (dados 1 e 2). Também usa as letras **p** para a sílaba pre-, em 3 e a letra **f** para as sílabas fe- em 3 e fa- em 4.

Segundo Schane (1975), alguns processos fonológicos afetam a distribuição de consoante e vogais, e por conta disso são processos de estruturação silábica. Para Schane (1975, p. 79), os processos de estruturação silábica acontecerão quando uma sílaba mais complexa sofrer uma redução, ajustando-se ao padrão CV, que é uma estrutura silábica “preferida pela língua”.

Os dados de aquisição da língua escrita mostram que a criança tende a registrar nessa modalidade o padrão mais simples: CV, como acontece também na aquisição da oralidade (MATZENAUER; BONILHA, 2003). Para alcançar esse padrão silábico, observam-se dois processos fonológicos bastante produtivos: a) simplificação do *cluster* e do *coda* e b) inserção vocálica.

Conforme Mori (2001), uma sílaba pode ser constituída por uma vogal que deverá ocupar o ‘centro’ da sílaba; dessa forma, é chamada de núcleo silábico. Esse núcleo poderá ser antecedido e seguido de uma consoante, ocupando, respectivamente, as posições de *onset* e *coda*. O núcleo e a *coda* formam a rima silábica. A junção de duas consoantes no ataque formam um *cluster* consonantal.

Buscando ajustar o padrão básico CV, observa-se nos dados de CS a simplificação do *cluster* pela eliminação da segunda consoante do *cluster*, como em 1 e 2 dos dados apresentados no quadro 5 abaixo, em que há a eliminação da consoante / ɹ / que é a segunda consoante do onset.

Além disso, o padrão silábico básico pode ser obtido pela eliminação da *coda*, como se observa nos dados 2, 3 e 4, queda do *coda* /N/ e /R/.

Quadro 5. Ocorrências de simplificação da estrutura silábica

	OCORRÊNCIAS
A) Simplificação do <i>cluster</i> consonantal e do <i>coda</i>	1) Itela (para estrela)
	2) Cepi (para sempre)
	3) Cata (para carta)
	4) ajo (para anjo)
B) Inserção de vogal	5) Eter e na (para eterna)

Além da simplificação do *cluster* e do *coda*, o ajuste à estrutura silábica CV pode ser obtido pela inserção de uma vogal entre o *coda* de uma sílaba e o *onset* de outra, ocorrendo nesse caso uma ressilabificação, como se observa no dado 5 do quadro acima, em que se tem a inserção da vogal /e/ provocando a ressilabificação da palavra e conseqüentemente o surgimento de uma nova sílaba -re, que também atende à estrutura básica.

CONCLUSÕES

Em virtude da relação não estreita entre a fala e a escrita, a criança, no seu processo de aquisição da escrita, comete “erros” ortográficos. Esses desvios podem ser explicados pela consciência fonológica da criança, já que ela registra na escrita a organização do sistema linguístico que observa na oralidade.

Assim, frente às perguntas colocadas e às discussões desenvolvidas, pode-se afirmar que os fenômenos de desvios entre letra e som que ocorrem durante o processo da aquisição da língua escrita são totalmente previsíveis pela língua. Os “erros” encontrados nos textos de uma criança em fase de aquisição são, realmente, tentativas de representar graficamente o que ela percebe na organização de seu sistema fonológico, sendo possível observar na escrita as ocorrências de processos fonológicos típicos da língua oral.

REFERÊNCIAS

- CAGLIARI, Luiz Carlos. A realidade Linguística da Criança, O certo, o errado e o diferente. In: _____. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Scipione, 2000.
- _____; MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Escrita Ideográfica & Escrita Fonográfica” “Aquisição da Escrita: Questões de Categorização Gráfica. In: _____. **Diante das Letras** – A Escrita na Alfabetização. Campinas SP: Mercado de Letras, 1999.
- CÂMARA JR, Joaquim. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 5 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

- HERNANDORENA, Carmen L. M. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, Leda. **Introdução aos Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- KATO, Mary A. **No Mundo da Escrita: Uma Perspectiva Psicolinguística**. 2ed. São Paulo: Ática, 1987.
- LEMLE, Miriam. **Guia Teórico do Alfabetizador**. 6 ed . São Paulo: Ática, 1991.
- MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto; BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves. **Aquisição da Fonologia e Teoria da Otimidade**. Pelotas: EDUCAT, 2003.
- ROBINS, R. H. **Linguística Geral**. Porto alegre, Rio de Janeiro: Editora Globo, 1981.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo. Editora Coutrix, 1995. Edição original: 1916.
- SCHANE, A. Sanford. **Fonologia Gerativa**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Perspectiva*, Florianópolis, v.20, n.01, p.139-156, jan./jun. 2002
- SILVA, Myriam Barbosa. **Leitura, Ortografia e Fonologia**. São Paulo: Ática, 1981.